

Em 60 dias

crise pode expandir-se

JORGE ABDUCH

221

Máquinas paradas, trabalhadores desempregados, sucateamento do parque industrial, recessão. Este tem sido, nos últimos meses, um pesadelo constante para os industriais paulistas, extremamente preocupados com o aprofundamento da crise econômica que se instalou no País desde o final do ano passado e que tem sido motivo de vários alertas ao governo, aparentemente sem resultados até agora. Com base em indicadores nada animadores, que revelam perda de poder aquisitivo dos salários, demissões, concordatas, falências e quedas significativas nas encomendas e nas vendas, os empresários temem que as medidas necessárias para reverter este sombrio quadro não sejam tomadas a tempo e estimam que os setores ainda não atingidos pela recessão já estarão mergulhados nela nos próximos 30 ou 60 dias.

Sem sequer ter saído da recessão de 81 a 83, a indústria de bens de capital sob encomenda vive a expectativa de voltar a trabalhar com ociosidade de 70% ou mais com o aprofundamento da crise. Com isso, segundo o vice-presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib) Omar Bittar, além do enorme custo social que representaria a dispensa quase imediata de aproximadamente 20 mil trabalhadores, o Brasil teria um enorme prejuízo com o atraso de seu desenvolvimento e com a perda de capacitação tecnológica.

A maior preocupação do setor é o retardamento na liberação das verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND) para implementar os programas de ampliação dos sistemas Siderbrás e Eletrobrás, já aprovados pelo governo, e necessários para garantir o abastecimento interno, diz Bittar. Essa seria a única forma de a iniciativa privada continuar também seus investimentos, caso contrário o agravamento do processo recessivo é inevitável, acrescenta.

"CULPA DO GOVERNO"

Mais otimista, o presidente do Sindicato da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Nildo Masini, acredita que ainda há tempo para a reversão do quadro econômico e que a questão da credibilidade do governo é secundária para o sucesso de administração da crise. Defensor de um amplo entendimento nacional — para o qual seria indispensável deixar-se de lado as desconfianças de parte a parte — Masini acredita que assim as medidas que o governo venha a tomar terão respaldo, caso contrário estaria em risco o próprio futuro da Nação. Ele entende que a queda na demanda ainda não pode ser caracterizada como recessão e diz ser positiva para reequilibrar os preços relativos.

Avesso ao termo recessão, o presidente do Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa e diretor do Departamento Sindical da Fiesp, Roberto Della Manna, credita exclusivamente ao governo a crise econômica atual, que por interesses políticos impediu a adoção das medidas corretivas necessárias, criando uma situação insustentável nas micro e pequenas empresas, principalmente nos segmentos de confecções e noveleiro. "Eles acreditaram no Plano Cruzado e investiram o que possuíam e o que não possuíam, recorrendo a empréstimos quando a taxa de juros era 30% ao ano. Hoje, com as taxas a 30% ao mês, o aprofundamento da crise representará o caos", afirma, ressaltando que as micro, pequenas e médias empresas respondem por cerca de 70% dos empregos e são responsáveis pelo abastecimento de grande parte das indústrias terminais.

Cético quanto ao sucesso de qualquer programa de estabilização econômica sem a colaboração do próprio governo, reduzindo sua interferência na economia e seus gastos excessivos, Della Manna entende ser necessária uma política de estímulo perene às pequenas indústrias, extremamente sensíveis às variações da economia, e não apenas temporários.

Esta mesma solução definitiva, na opinião do presidente da Associação Brasileira da Indústria de Eletroeletrônicos (Abinee), Aldo Lorenzetti, passa por uma solução rápida para a questão externa (para garantir o abastecimento das matérias-primas importadas), pela eliminação do déficit público, garantindo assim a diminuição das taxas de juros, e pela recomposição dos salários, pois o gatilho tem-se mostrado insuficiente para repor o poder aquisitivo dos trabalhadores. Assim, Lorenzetti espera reverter a queda acentuada nas encomendas — de até 50% nos primeiros 20 dias deste mês — e o consequente desemprego.



Joveci C. de Freitas - 24/07/88

**Lorenzetti apresenta
três "receitas" para
reorganizar economia**